



Offic. Commercio

CONDE DE CARCAVELOS

Ilustre bracarense, antigo governador civil e uma das figuras mais distintas do nosso tempo, ultimamente falecido

Braga, 15 de Setembro de 1928

DIRECTOR E EDITOR

Joaquim Antonio Pereira Villela

Ilustração Catholica

NUMERO 338 — ANO VII

PROPRIEDADE DA EMPREZA

DA «Ilustração Catholica», L.^{da}

Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

(Pagamento adiantado)

PORTUGAL, MADEIRA E AÇORES :

Ano.	60\$00
Semestre	30\$00
Trimestre	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despeza

ESTRANGEIRO E POSSESSÕES ULTRAMARINAS :

Ano.	80\$00
Semestre	40\$00
Trimestre	20\$00
Numero avulso	1\$50

*Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á
Administração da ILLUSTRACÃO CATHOLICA — BRAGA*

Telefone, 212

Paramentaria, Sirgaria e Artigos Militares

DE

RIBEIRO DE CASTRO & VILELA

99, Rua do Souto, 101 — BRAGA — Telefone n.º 59

Secção de Igreja

*Neste estabelecimento ha sempre feitos paramentos de todas
as cores e mais alfaias pertencentes ao culto ;
fazem-se bandeiras de todas as qualidades a ouro, seda
ou pintura, mantos, frontais, palios, etc.*

Secção Militar

*Bonets de todas as qualidades, panos, galões, emblemas e
botões para fardamentos militares e todas as
corporações civis, musicas, etc.*

LIMA, FILHÔ & C.ª L.ª DA

Grandes Armazens da Caixa de Credito Bracarense

Rua 5 de Outubro, 48 a 56 — Telefone 31 (1.º andar)

BRAGA

Operações de Crédito — Compra e venda de todos os artigos — Ourivesaria e Relojoaria. Deposito de Máquinas de costura. Fazendas de lã e algodão, fato feito etc. Especialidade em CAPAS ALENTEJANAS



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA

Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º
Propriedade da Empresa «Illustração Catholica».

Braga, 15 de Setembro de 1928

Composta e impressa na Tip. da «PAX»
BRAGA

Anno VII — N.º 338

MACAU — Funeral do Dr. Antonio José Gomes



Offic. Commercio

Funeral do nosso saudoso conterraneo, o Rev. Dr. Antonio José Gomes,
benemerito missionario e Vigario Geral da Diocese.

Nele tomaram parte o clero e todas as autoridades civis e militares,
á frente dos quais se destaca o governador de Macau.



CONSTITUIU um acontecimento extraordinario na vida ministerial, a visita official do sr. Presidente da Republica á cidade da Figueira da Foz.

O Chefe do Estado foi ali cordealissimamente recebido, e todas as forças vivas daquela cidade, sem distincção de classe, se associaram a essa manifestação.

Num almoço oferecido ao Sr. General Carmona, o Presidente da Comissão Administrativa do Municipio, ocupando-se da visita áquella cidade, da primeira auctoridade do Estado, e referindo-se á actual situação, teve esta passagem:

«— O trabalho insano de um só homem, que hoje todos veneram, o sr. ministro das Finanças, impoz-nos sacrificios de tal ordem que, se não fosse a forma como eles foram impostos nunca se poderiam tolerar. E' que S. Ex.^a, sem fazer distincção, cortando por onde devia cortar, quer a ricos quer a pobres, quer a altos magistrados quer a simples funcionarios, obrigou-nos a ver que ás leis eram iguais para todos, deu-nos a confiança que necessitava, para fazer esse monumento de trabalho, que se chama orçamento, não só equilibrado mas com «superavit». Sem queixumes e até com alegria acorreram ás tesourarias de finanças todos, a pagar as suas contribuições. E' que todos começaram a compreender, que quem tem uma envergadura como ele para produzir uma tal obra tem tambem a coragem e o criterio para bem dispôr dos dinheiros que foram arrecadados».

E o Snr. Presidente da Republica, ao terminar aquella autoridade o seu discurso, respondeu-lhe por este modo, segundo relatou «O Seculo»:

«Referindo-se ao sr. ministro das Finanças, que disse ser modesto, mas possuir conhecimentos e qualidades de estadista notaveis. Tomou ele a attitude dum grande capitão que dirige a sorte duma campanha.

Todo o Paiz desejava o equilibrio orçamental, e ninguem supunha que em tres anos ele se conseguiria. Falando com o orador, o sr. dr. Oliveira Salazar convenceu-o da verdade da sua doutrina financeira, dum grande objectivo patriótico, que seria realiado num só ano, e no qual comprometia todo o seu futuro. Fez a apologia das qualidades do ministro, dizendo que o exito da

sua colaboração representa um dos maiores actos da Ditadura. A decisão do sr. dr. Oliveira Salazar teve logo o mais decidido apoio do publico, não sendo licito duvidar da obra da Ditadura, que atingirá depressa os seus fins, que são os que todos os patriotas desejam».

Mais um facto que cada vez mais enaltece a nossa fama de valentes e intrepidos.

A nossa aviação, iniciou mais um «raid». E' agora às colonias da Guiné, Angola e Moçambique.

Lá seguiram essa acção aerea, o capitão-aviador Celestino Pais Barros, tenente-observador Esteves e sargento-mecanico Manuel Antonio.

O paiz inteiro, está interessado espiritualmente nessa viagem, que já iniciada ha dias, segue a sua rota, felizmente com bom exito.

Que a Divina Providencia continue a proteger aqueles corajosos militares, que mostrando um patriotismo de herois, se deram a fazer esta viagem aerea, atravessando os mares. Bem hajam.

Não obstante o rigorismo e fiscalisação da acção policial, não obstante a detenção de varios agitadores contra a ordem estabelecida, veio agora mais um facto provar que todas as providencias e preocupações são poucas, para que a ordem e a tranquillidade publica se mantenham.

Querêmos referir-nos ao caso de Beja. A policia de segurança do Estado, pôde ali encontrar um arsenal de bombas devidamente preparadas, varios explosivos, e ainda 10 kilos de dinamite! Foram apprehendidos todos esses materiais, e tomados á acção da mesma policia 11 individuos.

Vê-se que os inimigos da ordem, não descançam, nem desarmam.

E quando terêmos nós aquella paz e tranquillidade, de que tanto necessitamos?

FALECEU ultimamente nesta cidade, confortado com os Sacramentos da Igreja, uma das maiores figuras em destaque no nosso meio social, o snr. Conde de Carcavelos (dr. Francisco de Azevedo Soares de Campos e Costa). Contava 71 anos, e era casado com a snr.^a Condessa de Carcavelos (D. Maria Julieta Pereira Felicio), filha dos 1.^{os} Condes de S. Mamede, senhora de peregrinas qualidades, modelo de Esposa e Mãe.

O saudoso extinto era filho dos 1.^{os} Viscondes de Carcavelos (Dr. Francisco de Campos Azevedo Soares), e da Viscondessa do mesmo titulo, a snr.^a (D. Eusebia Luiza Leite de Castro), já falecidos.

Era pae dos snrs. dr. Nuno e Francisco Maria de Campos Azevedo Soares.

Era irmão dos snrs. Dr. Albano de Campos de Castro d'Azevedo Soares, Visconde do Olival e dr. Eduardo de Campos Azevedo Soares.

O saudoso extinto exerceu com muita distinção os cargos de governador civil deste districto e de presidente da Camara.

Caracter duma firmeza pouco vulgar, o nobre Conde de Carcavelos, soube sempre conduzir-se por modo que mereceu o respeito e a consideração de todos os seus concidadãos.

Tambem prestou grandes e valiosos serviços como provedor da Misericordia e na direcção de varias instituições de caridade.

Depois de caído o regimen monarchico, afastou-se por completo da vida publica.

Mas, sempre pronto a auxiliar os humildes e os desprotegidos, era sempre o seu coração pronto a prestar o seu concurso, o seu auxilio em boas obras.

Catolico pratico, a Religião cristã era para ele exercida com aquele espirito que o Evangelho inspira.

Como chefe de familia, era exemplarissimo, e modelo que o tornava duplamente nobre: pelo seu caracter e pela pratica de boas obras.

E do quanto era querido e estimado por todos os seus concidadãos, provou-se evidentemente, no seu funeral, que saído da Igreja do Carmo, para o Cemiterio publico, tomaram parte nele, os homens de todas as condições sociais, quer em numero, quer em qualidade.

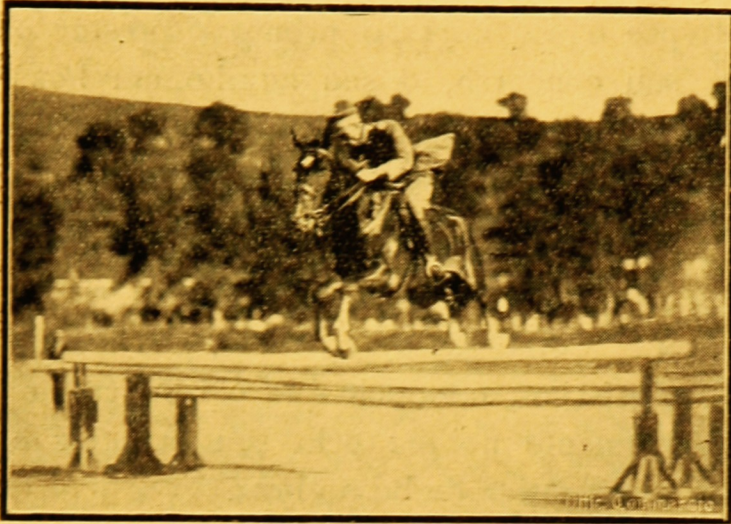
Aqui vieram tambem representantes da aristocracia portugûesa, e delegações do partido monarchico de diferentes pontos do país.

El-Rei, o Snr. D. Manuel II, aqui se fez tambem representar especialmente pelo snr. Conde de Azevedo.

O nobre extinto baixa à sepultura recebendo justamente, a consideração e estima da sociedade do seu tempo.

Bem digno dessa manifestação foi o saudoso extinto, que deixa este mundo no meio das lagrimas duma carinhosa Esposa e dos filhos que ele, muito amava, e da saudade inapagavel dos amigos e admiradores, que tantos soube conquistar pela sua conduta nobre e alevantada durante a sua vida, neste vale de lagrimas e de incertezas.

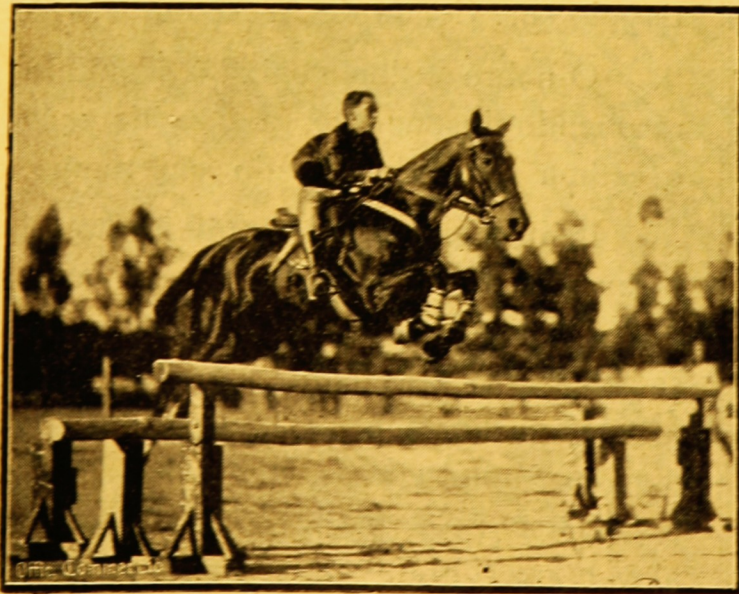
FESTA HIPICA



O Sr. Tenente Castro Antas, no «Lirio», transpondo a triplice vara. (Foto. A. Viana.)

EM benefício da Beneficente e Humanitaria Associação dos Bombeiros Voluntarios de Braga, realisou-se em 29 de Julho uma festa hipica organizada por um grupo de gentis senhoras, amigas da referida Associação.

A festa, grandemente concorrida, constou de diferentes numeros, tomando nela parte, soldados, sargentos e oficiais do 2.º Grupo de Esquadrões de Cavalaria 9 e um grupo de discipulos amantes do sport hipico.



«Luís Ramires, na Elsa». (Foto A. Viana.)

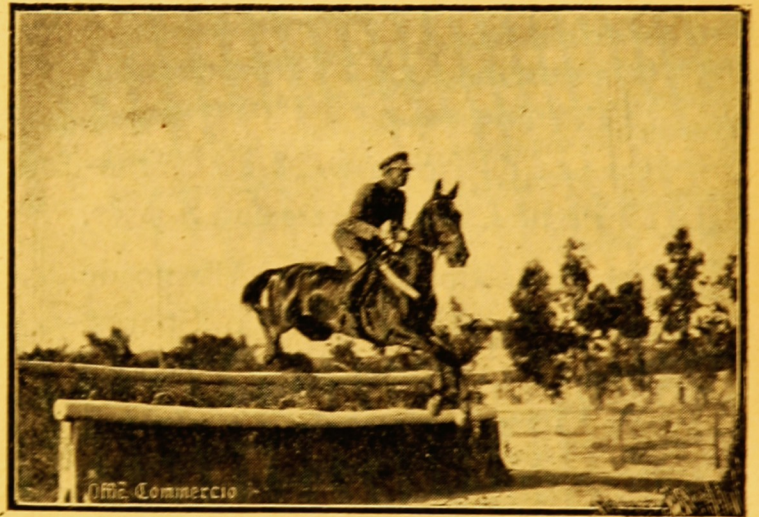
Nas provas de obstaculos obtiveram premios :

OFICIAIS

1.º — Capitão Falco Pereira, na «Ondina».

2.º — Tenente Castro Antas, no «Guincho».

3.º — Alferes Ramos Neto, no «Trouxa».



O Sargento Alves no «Guincho». (Foto A. Viana.)

SARGENTOS

1.º e 2.º — Sargento Alves.

3.º — Sargento Mauricio.

DISCIPULOS

1.º — Fernando Veiga.

2.º — Luiz Ramires.

3.º — Avelino Barbosa.

Houve tambem uma ginkana para meninas em que tomou parte a menina Fernanda Antas, de 10 anos.

NO SAMEIRO

A ultima peregrinação

No ultimo domingo do passado mez, teve lugar, a costumada peregrinação anual, em honra de Nossa Senhora do Sameiro, a que concorreram milhares de fieis de varias localidades do pais.

De todas as freguezias do concelho e da cidade de Braga, foi, como é de uzo, tambem notavel a concorrência.

Como é velho costume, a festa anual em honra de Nossa Senhora do Sameiro, é precisamente no ultimo domingo de Agosto.

E', pois, natural, que naquele dia, anualmente o povo de Braga afluxa, em maior numero ao Sameiro, a prestar homenagem á SS. Virgem. E assim, succedeu este ano.

Saiu naquele dia, a peregrinação da igreja do Populo, em direcção ao Santuario de Nossa Senhora.

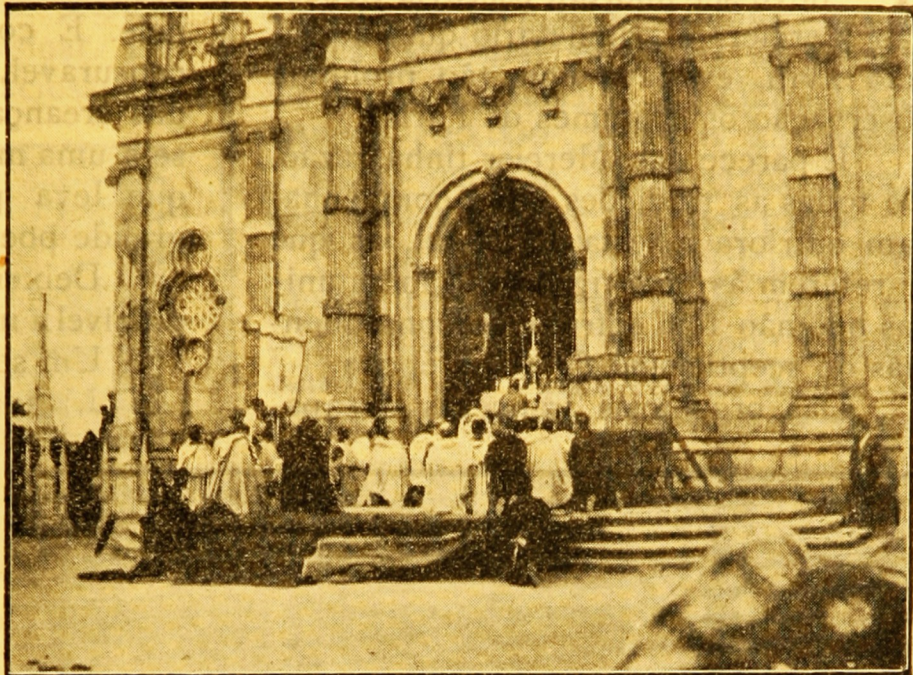
Durante o trajecto foram entoados canticos á Virgem, e a recitação do Terço.

Houve a costumada missa campal e sermão pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcebispo Primaz.

Muitos doentes ali foram tambem nesse dia pedir á SS. Virgem a graça da sua cura.

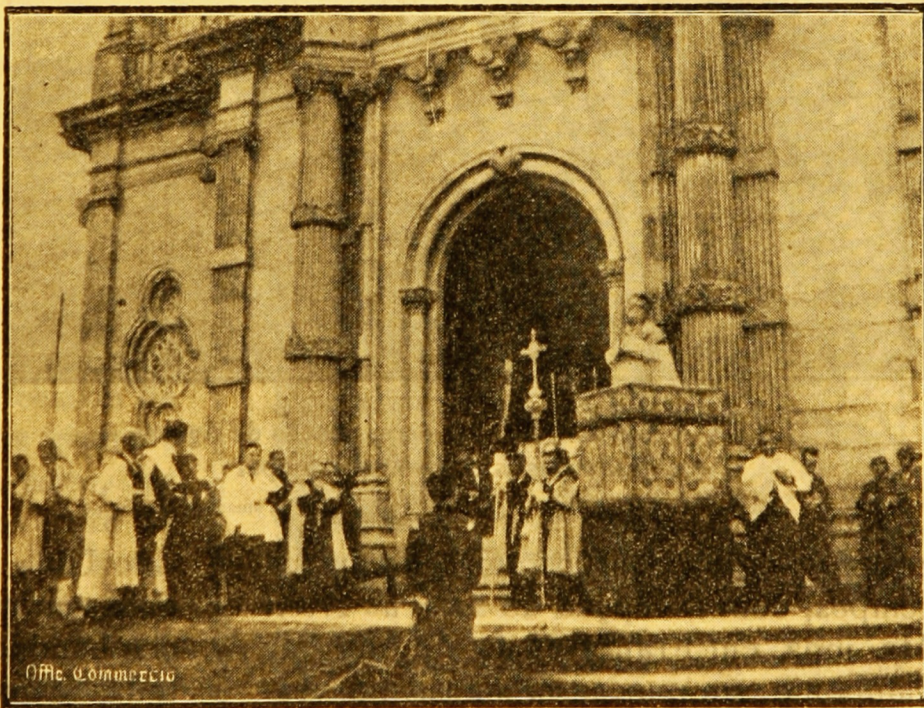
E' sempre uma scena comovedora, aquella fila de doentes a receber a benção do SS. Sacramento.

O Sameiro é e será um centro de muita fé e piedade.



Braga -- No Sameiro

Na peregrinação de Agosto. A elevação da Hostia, na Missa Campal
(Fot. amador João Gomes)



Braga -- No Sameiro

Na peregrinação de Agosto. O Sr. Arcebispo prégando
após a Missa Campal

(Fot. amador João Gomes)

Tradições do Natal

TODA a festa que se funda na gula, deve ser imortal, escrevia Sebastião Mercier, o pamphletario que, no século XVIII, evocava com tão profunda observação os costumes de Paris.

E parece que Mercier tinha razão. De todas as tradições que acompanhavam outr'ora a festa do Natal, as que se referem ás boas iguarias são as únicas que não têm sofrido as consequências do scepticismo da nossa época.

Das provincias francezas desapa-

pequenas discipulas que o *petit Noël* não existia e que era estultice acreditar nele. E cometeu com isso uma acção censuravel. Destruir as idéas ingenuas das creanças «seria como quem roubasse a uma mendiga as tres achas de lenha que leva para o lar», como disse o grande poeta Junqueiro.

Deixemos florescer o maior tempo possivel a inocencia dessas almas frageis.

Um senador do Estado de Kansas (E. U.) apresentou ha anos, um projecto de lei que punia com

a multa de tres mil francos todo aquele que, de qualquer fórma, tentasse eliminar dos espiritos infantis a creança no *petit Noël*. E era sensata essa proposta. Se a lei protege as obras primas da arte, as maravilhas da natureza, porque não protegeria tambem a alma da creança?

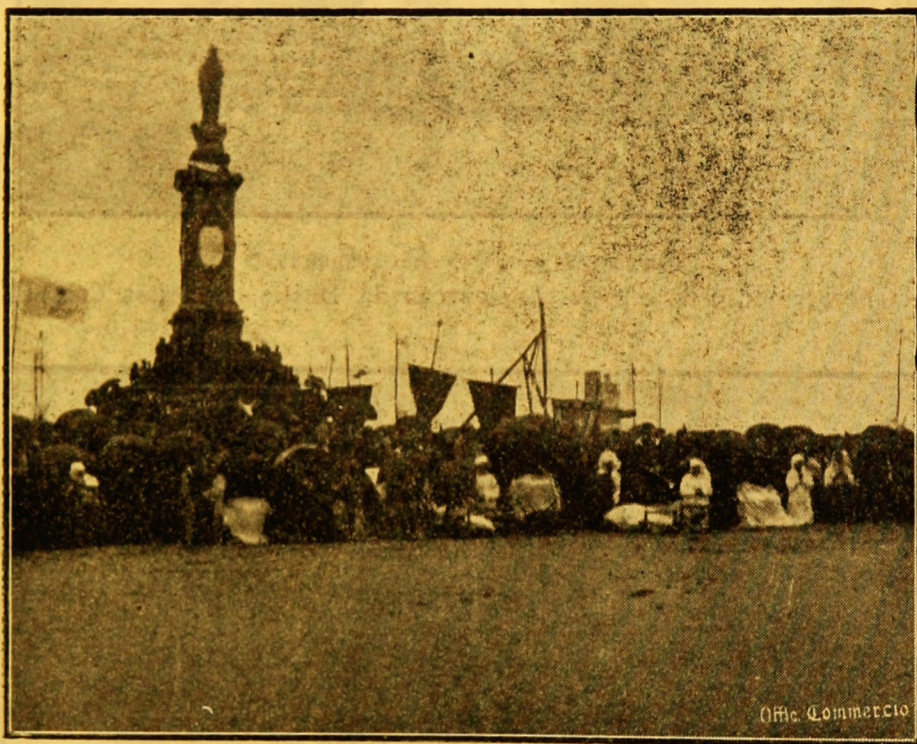
Outra tradição que ainda subsiste, é a da arvore de Natal.

A Inglaterra é particularmente fiel a esse uso. *Christmas* é uma festa nacional; e quem se acha em Londres nessa época, pode-se julgar transportado ao paiz de Gargantua.

Uma subscrição enorme se organisa, em que o rei, a rainha e os grandes banqueiros londrinos assignam avultadas somas, com o fim de proporcionar aos pobres um *happy Christmas*, um feliz natal.

Mas aí, como em França, o Natal é antes um ensejo para ceremonias pantagruelicas do que para festas inspiradas pela fé.

Na Inglaterra e nos Estados Unidos é formidavel o consumo de perús



BRAGA — SAMEIRO — Na peregrinação de Agosto.
Os doentes assistem à Missa campal

(Fot. amator João Gomes)

recem os graciosos costumes de outros tempos, com excepção do *sabot de Noël*. Ha inda em França mais de um lar camponio em que as creanças, na vespera de Natal, vão, com esperança, depôr o seu tamanco junto á lareira, a fim de que o *petit Noël* aí coloque o brinquedo desejado.

Mas essa tradição já foi atacada por pessoas inimigas de toda a graça e toda a poesia. Ha alguns anos, uma professora parisiense declarou ás suas

na noite da Natividade; na Alemanha predomina o pato; em França a carne de porco.

Essa tradição de abundantes comedorias na noite de Natal perpetuou-se através dos seculos.

A revolução franceza que destruiu tantos costumes fundados nas praticas religiosas, não a pode eliminar. Em pleno Terror, havia quem audaciosamen-



ESPOSENDE — Um aspecto da regata efectuada no Cávado, por ocasião das festas da Saude. No clichê vê-se o escaler do Club Fluvial Esposendense, vencedor da prova inter-clubs, à qual correu o Club Fluvial Vilacondense. Nesta prova disputou-se a Taça da Camara Municipal de Esposende.

(Fot. João Amandio).

te fizesse o *réveillon*. Por um contraste singular, nessa epoca em que se procurava imitar a sobriedade espartana, appareceu Brillat-Savarin, o auctor dessa *Physiologie du Gout*, obra-prima de litteratura culinaria, que fixou as leis da mesa e redigiu aforismos que permanecem como preceitos eternos.

A noite de Natal nunca cessou de ser o momento abençoado dos grandes comedores. Existem, a proposito, na Alemanha, numerosas lendas, entre as quais a do famoso Franz Abt, tão notavel pelo extraordinario apetite quanto pelo talento musical.

Certa manhã de Natal, um dos seus amigos encontrou-o numa rua de Brunswick. O *Kappelmeister* parecia extremamente satisfeito.

— Donde vem, caro maestro?

— Da mesa.

— E que comeu de bom?

— Um perú.

— Quantos eram os convivas?

— Dois.

— E quem era o outro?

— O perú, respondeu Franz Abt.

Cumpre dizer que outr'ora essas comedorias eram reservadas aos ricos e poderosos da terra; hoje, elas democratizaram-se. E a estatistica, que de cousa alguma se desinteressa, indica que nas noites de Natal em Paris se comem 22 mil quilogramas de presunto, 80.000 frangos, 20.000 perús e se bebem 250.000 garrafas de diversos vinhos, sem contar 125.000 de Champagne.

E se um grande restaurante da capital franceza tem, nessa noite, em média, uma receita de 26.000 francos, outro ha que nunca recebe menos de 32.000. O total da receita de dez grandes restaurantes parisienses foi, num dos ultimos anos, unicamente a noite de 24 de Dezembro, de 225.000 francos.

* * *

A festa de Natal sugere assim a idéa de gastronomia.

Na idade-média, os *grand-queux* e os *maitres-queux* da côrte eram contados entre os personagens mais respeitadas da casa real.



ESPOSENDE — A tripulação do Club Fluvial Esposendense, vencedora da prova inter-clubs, ficando detentora da taça da Camara Municipal daquela vila.

(Fot. João Amandio).

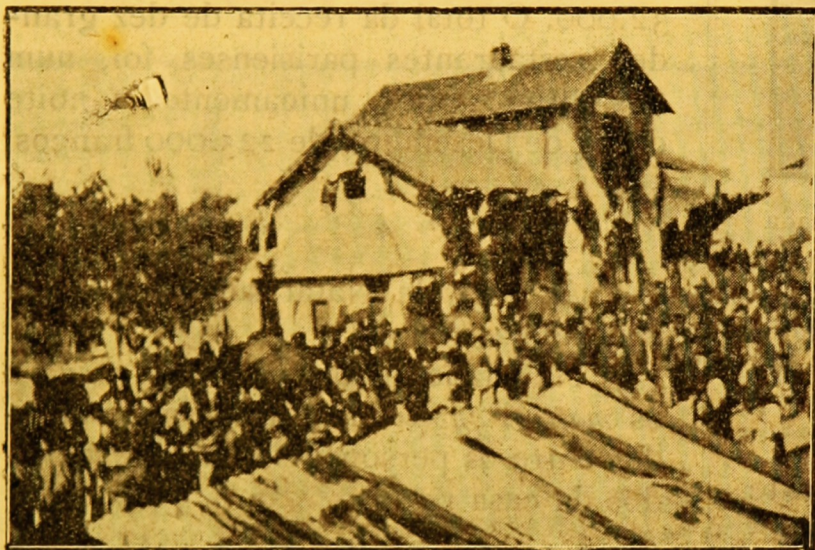
Mas só no seculo XVI a cosinha franceza se elevou, verdadeiramente, á altura de uma arte.

As guerras de religião e as calamidades publicas detiveram o seu desenvolvimento.

No tempo de Luiz XIV, grande gastrônomo, que nos dias de dieta comia dois frangos — havia mais *gourmands* do que *gourmets*, o que torna essa época muito diferente do século seguinte, elegante e de bom gosto. O marechal de Richelieu, mesmo durante a campanha do Hanover, não se separava de Muret e de Ronquellère, seus famosos cosinheiros.

* * *

O Natal é, sem dúvida, a festa que em todos os tempos tem tido mais importancia nas preocupações populares. E' curioso notar que os numerosos



OLIVEIRA DE FRADES — Estação do Caminho de Ferro do Vale do Vouga. Povo esperando a chegada do comboio por ocasião das festas de Nossa Senhora dos Milagres.

(Foto Feijor).

proverbios francezes a ele referentes se mostram sempre contrarios ao luar na noite da Natividade.

Entre varios que, nesse sentido, poderiam ser recordados, citamos dois:

*Quand Noël vient en clarté,
Vends ton boeuf pour acheter du blé.*

e outro:

*Noël passé sans lune,
Année peu commune;
Mais, s'il est éclairé,
Beaucoup de paille, peu de blé.*

UM SORRISO DO MORIBUNDO

Achava-se gravemente doente um piedoso velho, e bem conhecia que ia morrer em pouco tempo. Mandou chamar seus filhos e netos para junto do seu leito.

Neste supremo momento, parecia que estava dormindo socegradamente; contudo tres vezes se poz a sorrir, depois abriu os olhos e olhou para a sua familia, com doçura e serenidade.

Um dos filhos perguntou-lhe:

— Meu pai, porque vos tendes sorrido já tres vezes?

— Filho, respondeu o moribundo, á primeira vez fazia eu a enumeração de todos os prazeres mundanos, que experimentei na minha mocidade, e não podia deixar de sorrir de compaixão pensando na cegueira com que os homens correm atrás destes enganosos prazeres.

A' segunda vez, recordava-me de todos os males de que a minha longa carreira foi muitas vezes semeada, e agradecia a Deus, sorrindo, por me haver

feito soar a hora de ir colher rosas eternas na celeste morada, depois de haver sido tantas vezes ferido pelos espinhos deste mundo.

A terceira vez, scismava no terror invencível que inspira a morte; e eu acolho-a, sorrindo, como um anjo de Deus, enviado para pôr fim a longas provações, e para elevar a alma, anhelante de felicidade, para uma habitação de paz e de bemaventurança.

Meus filhos, a morte é doce para o homem justo; o seu espirito não repele pensamento algum; viveu trabalhando e orando, sobe ao céu sorrindo.

O Pacto de Kellogg

Continua, na ordem do dia, o Pacto de Kellogg.

A imprensa da Europa recebeu de bom agrado, como é natural, a solução tomada por aquele pacto, para evitar a guerra.

Agora, coube a vez ao « L'Osservatore Romano », órgão oficial do Vaticano, que publicou um artigo deveras notável sobre este importante e momentoso assunto.

« Ainda que não traduza o fim das guerras, o pacto de Kellogg é, sem dúvida, mais um sintoma do firme desejo de paz que todos os povos albergam. Parece, portanto, que em todos os espíritos começa a penetrar a convicção de que a guerra, sobre ser um dano, é também um crime.

Falam eloquentemente as duríssimas experiências do último conflito.

De modo que o pensamento pacifista já não impera apenas nas escolas e academias, mas no mundo inteiro: sobe das multidões aos potentados, ergue-se dos povos aos governos, sobrepondo-se aos egoísmos de uma política que, sob um veu de reservas e receios, ocultava disfarçados propósitos bélicos.

« A paz é de todos! » — sustenta agora, em arauto, o proprio país de Monroe, de onde saíu o lema isolador da « America para os americanos ». Não há-de ser só para ele a paz; senão para todas as nações. E', de facto, esta o significado do Pacto de Kellogg; e a assinatura dos Estados Unidos, ao lado da dos outros países, atesta que nenhum interesse particular, por mais importante que seja, pode dominar o interesse universal da paz ».

Pelo Mexico — Ainda o presidente

Calles

O « Catholic Welfar Conference » recebeu de S. Francisco da California noticia de uma entrevista ali dada pelo dr. José Vasconcelos, que foi ministro da Instrucção no governo de Obregon e agora se encontra naquela cidade.

Eis uma passagem dessa entrevista :

« O que nós precisamos hoje no Mexico, diz o dr. Vasconcelos, é de um governo popular e não de um governo de espadas afiadas »



OLIVEIRA DE FRADES — Festa a N. Senhora dos Milagres.
Um aspecto da procissão. (Foto Feijor.)

E estabelece em linhas gerais o programa desse futuro governo :

- 1.º Reforma radical das leis eclesiasticas actuais que o Presidente Calles impoz e que tem causado a desordem que lavra ;
- 2.º Não reeleição de Calles ;
- 3.º Reforma agraria que ponha os indianos em condições de poderem adquirir a propriedade dos terrenos que agora amanhã por conta doutros.

E conclue assim :

« Para satisfazermos à Justiça e ao mundo civilizado devemos modificar as infames leis eclesiásticas actuais: isto sobretudo.

São elas as causas unicas da rebelião e do cáos. Precisamos de regressar à civilisação se queremos existir como nação livre.

Calles e os chefes militares tornaram-se grandes proprietarios de terrenos, de que expoliaram os indios. Devem ser-lhes restituídos, por elementar separação de justiça. E é esta a unica solução ao grave problema agrario e economico do Mexico. »

O dr. Vasconcelos é catedratico

Sumo Pontifice. A riqueza dos paramentos e a magnificencia das cerimoniaes nunca foram igualadas na Australia. Assistiram 80.000 pessoas, a maior parte das quais se conservou fora da catedral de Santa Maria, ouvindo a Missa por meio dos altos falantes.

O Cardial Ceretti telegrafou ao Papa, pedindo a Benção Apostólica para o Congresso e para a Australia.

Nucleo Noelista de Lisboa (Anjos)



NÚCLEO NOELISTA LISBOA-ANJOS — A sua inauguração. — Assistencia

Inaugurou-se ultimamente em Lisboa, na parochia dos Anjos, o Núcleo Noelista — Anjos.

O acto revestiu grande entusiasmo e interesse naquela parochia. Assistiram Noelistas de Lisboa (Nucleo Lisboa-Estrela e Estoril).

No grupo dos assistentes á inauguração do Núcleo que vai nesta revista destaca-se, ao centro, o rev. cónego Pereira dos Reis, que é o assistente ecclesiastico do mesmo Núcleo.

de Direito Internacional. O seu nome já foi apontado como candidato à Presidencia.

O Congresso Internacional Eucarístico

Informam de Sidney, que a sessão do Congresso Eucarístico começou por uma grande Missa pontifical celebrada pelo cardial Ceretti, embaixador do

percebo. *Vós, a quem a classe e os dons da fortuna inspiram muitas vezes vaidade louca, pensai bem, que a morte é lei comum, que a todos nos demonstra a palavra egualdade.*

Horror que se deve ter á mentira

Guarda-te de mentir; este habito é vil. Agrava as culpas que se quer esconder. A fraude é sempre baixa, e inutil, enquanto que uma confissão franca póde fazer desculpar tudo.

O EREMITA

Um joven principe, excessivamente vaidoso da sua beleza, riqueza, e classe elevada, andava um dia à caça pelos montes. Viu um velho eremita, de aspecto venerável, sentado defronte da sua cela, e absorto na contemplação de uma caveira.

O principe chegou-se a ele, e disse-lhe com zombaria: Para que olhais tão atentamente para essa caveira? Que estudos fazeis sobre ela?

O eremita olhou com severidade para o principe, e respondeu:

Queria certificar-me, se esta cabeça é de principe, ou de mendigo, mas infelizmente, não



Expição



*NESTE destêro em que me vejo, olhando
tôda a ventura que foi minha, outrora,
sinto o desvairo dessa infausta hora,
em que deixei a paz de Deus, cantando!*

*E era tam doce aquele abrigo, quando
dobrava a noite ou refloria a aurora!
...Longinqua Luz, por Ti, minha alma chora
hoje, no exílio, o teu fulgor lembrando.*

*Tentou-me... — e fui! — o ruído vagabundo;
fugi de Deus e regresssei ao mundo,
numa ânsia estulta, num sentido vão!*

*Como fui louco, sim, como fui cego,
trocando a paz, o místico socego,
por esta dura e amarga expiação!*

ARNALDO BEZERRA.



Quasi aurora consurgens

A M. C.



*Horas de sonho. Pela noite ardente
picada de astros brancos a vibrar,
quantas vezes não dorme, pra resar,
minha Mãesinha, enternecidamente!*

*Quantas vezes nem pensa em descansar,
Só para erguer a Deus, — que tudo sente, —
a misteriosa súplica eloquente
dum exaltado e doloroso olhar!*

*Choro de affecto sempre que medito
neste quadro singelo, mas bendito:
— De joelhos minha Mãe, como uma Santa.*

*E, quando a Aurora me ilumina a face,
nem sei dizer, — meus Deus! — se é o sol
que nasce,
ou Ela, a minha Mãe, que se levanta!*

MOREIRA DAS NEVES.



ANTIOCHO Epiphanio, rei da Syria na Asia, resolvera aniquilar na Judéa o culto do verdadeiro Deus, e declarára uma guerra de morte á religião. Passava-se isto 168 anos antes do nascimento de Jesus Cristo. Mandou colocar no templo de Jerusalem uma estatua de Jupiter, e proibiu aos Judeus que observassem a sua lei, e celebrassem as suas festas; exigia que, em sinal de renuncia ao seu culto, comessem carnes proibidas pela lei de Moysés; aqueles que recusavam obedecer eram imediatamente condenados aos ultimos supplicios.

Entre os filhos d'Israel que se distinguiram então por sua firmeza houve principalmente sete mancebos, que eram irmãos e aos quais se dá geralmente o nome de Machabeus, e sua mãe.

Antiocho mandara-os chamar á sua presença para os obrigar a renunciar á sua fé; ele esperava que a presença da mãe enfraqueceria a coragem dos filhos; que ela, aterrada com o aparelho das torturas, se empenharia com eles para lhe pouparem este horrivel espectáculo, e para salvarem a vida por amor dela.

Antiocho porém enganou-se; a coragem dos mancebos não se desmentiu, e a da mãe foi mais admiravel ainda.

O tirano mandára acender uma grande fogueira, e depois de haver torturado estes mancebos, mandou atirar com eles, que ainda respiravam, ao meio das chamas.

Já seis destes generosos irmãos tinham dado sem hesitar a sua vida pela sua fé, restava o mais novo, que apenas tinha saído da infancia.

Antiocho fingiu ter compaixão dele, e procurou seduzil-o com as mais brilhantes promessas; e afirmou-lhe por

juramento, que, se ele quizesse obedecer, o faria rico e feliz. O mancebo não se deixou seduzir nem lhe fizeram a menor impressão semelhantes promessas.

Antiocho, dirigindo-se á mãe do mancebo, pediu-lhe que aconselhasse seu filho a obedecer, se quizesse conservar ao menos um filho, e permitiu-lhe que se aproximasse dele para o exhortar.

«Sim, disse ela, eu vou falar-lhe».

E caminhando para ele disse-lhe na lingua do seu paiz: «Querido filho, tende compaixão da tua mãe que te trouxe em seu seio, que te alimentou com seu leite, que te educou e cercou de cuidados até hoje, não lhe dêes o desgosto de te ver infiel. Lembra-te que ha apenas um Deus; é o Creador e o Senhor do mundo; é só ele que devemos temer. Não temas pois esse cruel tirano: mostra-te digno de teus irmãos, recebe a morte de boa vontade, para te reunires a eles e a mim na outra vida, que nós esperamos da misericordia de Deus».

E o filho exclamou: «A exemplo de meus irmãos, abandono voluntariamente o meu corpo e a minha vida, pela defeza da nossa lei santa, peço a Deus que aceite este sacrificio, em expiação das ofensas que o seu povo tem cometido contra Ele, e que lhe dispense os seus favores».

O furor do tirano tinha chegado ao seu maior auge. Ordenou que este mancebo fosse mais cruelmente torturado do que seus irmãos; se esta heroica mãe, depois de haver assim sofrido sete vezes seguidamente, nas pessoas de seus filhos, as angustias de sua morte, recebeu tambem a palma do martirio.

INTRODUZIRA certo individuo, homem respeitabilissimo por todos os titulos, nas relações duma familia não menos respeitavel, o filho dum seu amigo, moço na idade, mas velho no saber e na madureza; tinha-se formado em medicina, havia dois anos. O que se tinha em vista era premiar as boas qualidades do nosso deutor com as raras virtudes duma menina, que tudo quanto era bom merecia.

Tudo correu naturalmente com muita satisfação de parte a parte, e a menina foi dada em casamento ao joven doutor.

Alguns dias antes da cerimonia nupcial, o noivo foi procurar a mãe da sua futura esposa, e lhe pediu licença para falar com a menina em particular.

— Isso não é possivel, respondeu aquella boa mãe, com modo atencioso e grave; minha filha ha dias que não passa bem e precisa de algum descanso.

— Mas eu, minha senhora, sinto muito não poder conversar, um instante que fosse, com a menina, a quem só tenho falado em sociedade, sem ter tido ainda ocasião de lhe expressar com franqueza os meus sentimentos, e conhecer os seus.

— Sinto muito não poder anuir aos seus desejos, porém minha filha não...

— Mas eu tinha que lhe comunicar uma coisa de muita importancia.

— Chamal-a-hei, se quizer, e lhe poderá falar na minha presença; lá sósinha é que não, isso...

— Mas eu, em breve serei seu esposo!...

— Quando o fôr, já minha filha me não pertencerá; mas, enquanto o não fôr, hei-de cumprir os deveres duma mãe cristã e prudente.

— Oh! sim minha senhora, mas então, nesse caso, terei que confiar-lhe as minhas intenções, disse o medico e proseguiu: Fui educado nos principios religiosos e me tenho conservado sempre fiel a esta religião santa que lhe inspira tão louvavel procedimento. A descrença, que infelizmente ha em alguns, e a indiferença que ha noutros da minha faculdade, talvez seja causa da sua desconfiança; mas...

— Não senhor, não; se não fosse medico, era a mesma coisa; a minha filha, por consentimento meu, nunca falaria a sós com um homem.

— Mas já agora hei-de dar o meu recado: sempre, louvores a Deus, tenho sido pontual no desempenho das praticas da nossa santa fé, as quais quanto mais estudo,

mais respeitaveis e admiraveis me parecem. Se fiz tamanha insistencia para estar só com sua filha, é porque desejava sondar as suas disposições a este respeito, e pedir-lhe que se dispozesse por meio duma confissão geral, para receber com a benção nupcial todas as graças, que lhe estão ligadas.

A estas palavras, a mãe tanto se enterneceu, que abraçou chorando o virtuoso medico e lhe disse:



No dia da primeira comunhão da menina Estefania Leite Soeiro, estremosa filhinha do Snr. Boaventura Leite Soeiro, da cidade do Porto.

— Muito bem, meu filho, vamos conversaremos todos juntos, quero que diga á sua noiva que eu já lhe chamei meu filho. Sinto que o seu modo de pensar e de proceder me são garantia da minha ventura e da de minha querida filha.

O medico não se limitou a isto, por espaço de oito dias, se celebrou o santo sacrificio da missa para atrair sobre eles as benções do ceo.

Nada porém mais belo, terno e edificante do que ver, no dia do casamento, os dois esposos ajoelhados á sagrada meza, um acompanhado de seus respeitaveis pai mãe, e o outro de sua mãe e sua avó, para receberem todos juntamente com os bons filhos a santa comunhão das mãos do sacerdote.

Que belo exemplo para a mocidade! Que lição tão severa, como proveitosa para tantos pais e mães que abandonam as filhas á discricção do primeiro aventureiro que lhes apparece, para depois chorarem todos

a desventura que elles proprios procuraram por suas mãos.

Casa os filhos quando quizeres e as filhas quando puderes, diz o rifão; mas entende-se *quando puderes* casar-as bem, isto é com um homem que tema e ame a Deus, para poder amar sua mulher; com um homem que seja rico de boas qualidades, embora seja menos rico de bens materiais.

Que rigorosas serão as contas que os pais e sobretudo as mães a este respeito terão que dar!

A SORTE

Sobre a porta duma bela casa de campo se lia em letras de ouro a seguinte inscripção: *Esta fazenda é para o ditoso mortal que estiver contente com a sua sorte.*

Varios se apresentaram a reclamar a debaixo de diferentes pretextos, alegando que com aquella fazenda tinham com que passar muito bem e viver contentes com a sua sorte; mas a fazenda não era para contentar ninguem, mas sim para quem de facto estivesse contente.

Um dia, se apresentou um ricaço, com grande comitiva e aparato, reclamando a fazenda para si. Passando por ali, vira o letreiro e se apresentou a reclamar a fazenda por isso que efectivamente não só estava com a sua sorte, mas tambem era o homem mais feliz do mundo. — Tudo me sai á medida de meu desejo, dizia elle: tenho muito dinheiro, e com elle aplaímo todas as difficuldades, de maneira que não só logro os meus desejos mas tambem os meus caprichos. Não me troco por ninguem, não tenho encargos, e neste momento nem um desgosto me afflige; assim pois, não somente tenho uma boa sorte, mas até estou contente com ella.

A' primeira vista não admitia replica um tal argumento; porém o filosofo, que devia fazer a adjudicação respondeu ao *homem da boa sorte*: Não te pode pertencer a casa, meu amigo, porque *se estivesse contente com a sua sorte, não desejaria esta fazenda e muito menos a pediria, se não se contentasse com o que tem.*

E foi adjudicada a um chefe de familia que vivia do trabalho do seu braço.

Bemaventurado o que comprehende o misterio do pobre e do indigente! Deus o livrará nos dias maus. Elle o conservará, vivificará e tornará feliz sobre a terra, e não o entregará a malicia dos seus inimigos.

«A esmola do homem grava-se no coração de Deus; elle a conserva e estima como a pupila dos olhos.

REMINISCENCIA

Não é Monsenhor Dupanloup que nos refere o seguinte factó, mas é uma senhora, de *peregrina* illustração e bem conhecida na republica das letras por seus escritos; alem disso, tem-nos dado provas de fino escrupulo em acreditar os factos sem lhes applicar o devido criterio, donde se conclue que pode crer-se como verdadeira esta historia.

E' um desses portuguezes que, tendo ido ao Brazil, tem, como todos que lá vão, o nome de brasileiro. Elle mesmo, em conversa com outras pessoas, narrou uma parte da sua vida.

— Ausentando-me para longe «do ninho meu paterno», disse elle, me fui a terras de Santa Cruz, a esse Brazil tão nosso, embora tão longe de nós. Bem andaram e bem teem andado os que não quizeram se chamasse «Santa Cruz», mas antes, sim tivesse o nome de Brazil pelo muito pau que ali ha assim chamado; porque se conservasse o primeiro nome que se lhe pôs por haverem sido descobertas aquellas paragens em dia da *Invenção da Santa Cruz* a 3 de maio, mal corresponderia, como teem correspondido, ao que era de esperar, correspondesse, adoptando o nome do estandarte, com o qual lá se implantou a doutrina do Evangelho. Quero dizer, que a mim acontece-me, como por desgraça acontece á maior parte dos que para lá vão, perder toda a pratica de religião e viver esquecido de Deus e de Santa Maria».

Levantaram-me um falso testemunho, e promoveram-me um processo. Se eu perdesse este processo estava perdido completamente. Aconselhavam-me que fugisse para que ao menos escapasse á prisão.

— Não fujo, disse eu; seria confessar-me culpado, e eu estou inocente.

Tenho quasi a certeza de ser condemnado. Começou a despertar-se-me a *reminiscencia* da minha infancia, e me recordei de que, quando, nesses felizes tempos, me via apouquentado com as minhas coisas, pro-

metia rezar alguns *Padre nossos* pelas almas e me saia sempre bem. Depois disse comigo: aqui não rezo, não penso em Deus, não me confesso, não oiço missa, por isso me querem castigar por delicto que não fiz... tentemos o recurso, que, em menino, me valia...

Entre numa capela, ajoelhei diante do altar de Nossa Senhora da Conceição e fez uma promessa,

No dia seguinte, quando eu o não esperava, ou contava com o resultado contrario, foram levar-me a noticia de que eu tinha vencido, e de que o meu adversario pagaria as custas e ficava com as honras devidas a um infame calumniador.

Fiquei tão admirado que me custou a acreditar o que me diziam. Corri imediatamente á capela onde fizera a promessa a dar os agradecimentos áquela a quem era devida a minha justificação tão solenemente realisada.

Felizes aqueles em quem não morrem de todo os sentimentos religiosos.

Barbas empenhadas

O que eramos e o que somos!... Embora muita gente saiba que D. João de Castro, exemplo de patriotas, espelho de cavalheiros, e modelo de militares, empenhára os cabelos da sua barba, muitos ignoravam talvez que estes e outros factos relativos áquela heroi de abnegação, se encontram em livros estrangeiros. Por isso, querendo referir o caso, preferimos dar aqui a tradução do que se lê num livro francez, no qual é dedicada ao famoso fidalgo portuguez uma boa pagina.

«D. João de Castro, vice-rei das Indias em 1538, grangeou uma reputação imortal pelas muitas virtudes que possuía. Havendo necessidade urgentissima de ser reparada a fortaleza de Diu, ilha nas costas de Cambaia, e não tendo Castro o dinheiro necessario para uma empreza tão dispendiosa, resolveu-se a contrair um emprestimo. A' falta d'outro penhor, enviou aos habitantes de Gôa alguns cabelos da sua barba. A confiança que ele inspirava era tamanha, que sobre este singular penhor ele pôde levantar as quantias de que necessitava, e a cujo pagamento não faltou.

Este grande homem não sobreviveu á sua gloria. Sentindo aproximar-se o seu ultimo momento, declarou que nada havia usado, em seu proveito, dos bens do rei e dos particulares; que nunca recebêra pre-

sente de ninguem; que, não lhe tendo chegado a tempo os dinheiros que devia receber da côrte, consumira os seus proprios bens nas necessidades do Estado; que teve falta do estrictamento necessario, que os soldados teem no hospital; que até mesmo não tem com que mandar comprar uma galinha que lhe tinha sido receitada pelo medico, e que, em tal extremidade, ele pede que hajam de o fazer sustentar á custa do Estado, ou da casa da misericordia, durante o pouco tempo que lhe resta de vida.

Terminado este discurso, fechou se com S. Francisco Xavier, e pouco tempo depois entregou a sua alma ao Creador».

O que eramos e o que somos!... Naqueles tempos de *obscurantismo*, lá no extremo Oriente, levavam os portuguezes a palma a todos que lhe pretendiam empecer o passo na estrada gloriosa das conquistas, e não só levavam a palma vencendo, mas tambem a levavam dando tais lições de abnegação e desinteresse.

Quem tiver alguns sentimentos de homem de bem e de patriotismo, por certo que ha de lamentar que hoje não seja, como era



VIANA DE CASTELO — A chegada do barco automavel à praia.

(Cliché do amator Manuel Afonso).

naqueles tempos para nós tão gloriosos.

Hoje que a *civilização* nos penetrou até á medula dos ossos, não vemos um caso assim de tanto patriotismo, pelo contrario as cem bôcas da imprensa estão clamando incessantemente contra os que desperdiçam, esbanjam, quando não roubam, a Fazenda Publica. Os que vão substituir os Albuquerque, os Castros, os Pachecos e tantos herois famosos, que á Patria deram fama e gloria, não morrem no hospital como D. João de Castro; voltam de lá ricos, servindo muito a contento do governo da metropole.

ANECDOTAS HISTORICAS

Joaninha Simões, provinciana, é uma encantadora menina de quatro anos, filha de um escritor de grande talento, e que, há pouco, inventou uma bela expressão poetica.

— O pai está em Lisboa, não é verdade minha mãe? (a mãe e a filha tinham ficado na provincia.)

— Sim, queridinha.

— Mas ele tambem aqui está!

— Como assim?

— Oh! eu bem vi, quando ele partiu, que me levava nos seus olhos. Então eu fitei os meus nos olhos dele, para tambem ficar com ele nos meus. Dizendo isto, lançou sobre a mãe os seus belos olhos de criança, puros e profundos.

— Veja se ele cá está...

*

Limpendo o quarto de um viajante, o criado de certa hospedaria encontrou uma libra perdida sobre o tapete.

O mesmo foi descobri-la que correr a entregal-a ao dono.

— Guardai-a para vós, respondeu este, é a recompensa da vossa probidade.

Não foi perdida a lição.

No dia seguinte, o mesmo individuo perdeu um alfinete de certo valor.

Acaso o não vistes? perguntou ele ao mesmo criado, dando-lhe todos os sinais.

— Perdão, senhor...

— E d'aí? que lhe fizeste?

— Fiquei com ele... em *recompensa da minha probidade*.

*

— E' pelos dentes que eu conheço a idade de um frango.

— Mas os frangos não têm dentes.

— Não, mas tenho-os eu.

*

Do jardim de Xavier, roubaram uma porta. Ele, furioso, interrogando a criada:

— Dize-me cá, a que horas foste tu ao jardim?

— A's seis.

— E a porta ainda lá estava quando a fechaste?

Meras apparencias não nos devem enganar

Considera Plutarco um homem pasmado para o *arco-iris*, admirando a variedade das côres, o magestoso da dilatação, chamando-lhe beleza do céu, amavel tirania dos olhos e sublimado jardim. Pasma este auctor de que haja quem assim se engane com uma mera apparencia e deixe de conhecer que aquella engraçada harmonia de côres é uma hipocrisia das nuvens, que com luzidos enganos só prognosticam escuridades, chuueiros e lodos. Um perverso rico e estimado é um *Iris*: as apparencias luzidas e attractivas, mas as realidades quiméricas e só prognósticos de prantos e escuridades do céu.

Resposta de sabio

Em certa assistencia observava o sabio Solon o costumado silencio, e disse-lhe um presumido, que ele se mostrava calado, porque não sabia falar e era um nescio. Respondeu Solon: — *E' a primeira vez que um louco ou nescio se não dá a conhecer por tal.*

Sonido

Houve uma curiosa questão em um congresso de Padres Carmelitas descalços: que instrumento merecia melhor o titulo de suave? qual era a melodia mais sonora e attractiva? Depois de varios votos, todos dirigidos a diferentes instrumentos, disse um dos assistentes: — *Digam vossas reverencias o que quizerem: para mim não há instrumento mais doce, nem musica mais agradavel, que o sonido da campainha, quando tange à oração*

Não costuma cair quem sabe temer

Fr. Luiz da Cruz, carmelita descalço, elegeu, para logar da sua oração, a iminencia de um rochedo, para que o medo de se precipitar de tal iminencia o conservasse vigilante.